

# O CONCEITO DE LINGUAGEM EM BENVENISTE

Rômulo da Silva Vargas Rodrigues<sup>1</sup>

Sebastião Elias Milani<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tece a historiografia linguística do conceito de linguagem encontrado na obra de linguística geral de Émile Benveniste. Esse conceito é levantado historiograficamente a partir de seus ensaios e discutido sob a contextualização de sua produção a partir do pensamento saussuriano. Assim, pontua-se as diferenças que marcam os avanços de Benveniste em relação ao pensamento estruturalista ao demonstrar como o conceito de linguagem desse linguista traz para a cena dos estudos da linguagem o sujeito e o discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benveniste. Linguagem. Enunciação. Historiografia-Linguística. Epistemologia.

**RESUMEN:** Este artículo presenta la historiografía lingüística del concepto de lenguaje que se encuentra en el trabajo acerca de lingüística general suscrito por Émile Benveniste. Este concepto se eleva historiográficamente de sus ensayos, discutiendo en simultáneo el contexto de su producción, desde el pensamiento de Saussure. Además, las diferencias que marcan el progreso de Benveniste sobre las ideas estructuralistas, demostrando cómo el concepto de lenguaje de Benveniste pone en juego, en médio a los estudios de lenguaje, la problemática del sujeto e del discurso.

**PALABRAS CLAVE:** Benveniste. Lenguaje. Enunciación. Historiografía Lingüística. Epistemología.

## 1. Introdução

Ao elaborar a historiografia-linguística da obra de Émile Benveniste em Linguística Geral, um dos conceitos que mais chama a atenção é o conceito de linguagem. Em oposição a outros linguistas do mesmo período, Benveniste tece seu conceito a partir de uma visão ampla do que seja a linguagem, comparativamente com a língua e o discurso, contudo, restringe essa mesma visão aos aspectos verbais, excluindo daí qualquer aspecto comunicacional que não implique em formas linguísticas.

O pensamento de Émile Benveniste é muito importante devido ao valor e à extensão de sua obra no tempo, a saber, Benveniste viveu de 1902 a 1976 e, portanto, produziu teoria e análise linguística nos períodos de maior relevância para a formação do pensamento em linguagem durante o século XX. O conceito de linguagem, por sua vez, teve e continua tendo relevância plena para o desenvolvimento do pensamento sobre a comunicação humana.

---

<sup>1</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista CAPES-REUNI. Professor convidado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: linguabrasileira@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Professor-Orientador do Primeiro Autor. E-mail: sebaselias37@hotmail.com

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Compreender o conceito de linguagem permite ao pesquisador uma visão ampla dos fenômenos implicados na comunicação humana. Praticamente todos os conceitos envolvidos na formação e manutenção das sociedades humanas empregam a linguagem como elo, tanto na sua manifestação, quanto na sua difusão. A cultura com todos os seus meandros, está intimamente ligada à linguagem, dependendo dela para se difundir entre os seus membros. Assim, todos os aspectos da vida social estão igualmente relacionados à linguagem. Isto faz do seu conhecimento algo muito importante para os que queiram compreender uma sociedade, sua cultura, seu povo.

Além do foco social, há o interesse científico. O desenvolvimento da pesquisa e do conhecimento sobre a sociedade e seus diversos aspectos, em praticamente todas as ciências que enfocam esses aspectos, depende aqui e ali do conhecimento que se tenha da linguagem. Isso faz da linguagem um tópico fundamental no desenvolvimento da pesquisa em humanidades.

O pensamento de Émile Benveniste sobre a linguagem é especialmente importante, pois, permeia o século XX, período em que mais se desenvolveram os saberes acerca das humanidades. Linguística, antropologia, sociologia, história, psicologia, entre outras, são exemplos de áreas de conhecimento e pesquisa que dependem, de uma ou de outra maneira, do saber sobre a linguagem e que se desenvolveram de maneira profusa no século passado. Benveniste esteve ligado a esse desenvolvimento, pois foi dele participante em sua área, a linguística geral.

A metodologia empregada neste trabalho foi a historiografia linguística, ramo relativamente novo da pesquisa linguística que consiste na síntese dos conceitos linguísticos a partir da verificação das obras de autores fundamentais do pensamento sobre a linguagem e na classificação dos métodos empregados pelos pesquisadores. Problemas metodológicos e epistemológicos ainda dificultam o olhar perspicaz dos pesquisadores, muitos paradigmas devem ser destruídos, pois a Historiografia Linguística se encontra distante de possuir um esquema de conduta científica estabelecido. Contudo, o que se pode dizer com alguma segurança é que se devem estabelecer os objetos da investigação, que, no caso serão sempre textuais, isto é, a historiografia linguística pesquisa os textos da linguística. Esses textos serão tomados por monumentos históricos, e através deles se estabelecerão as relações de contextualização do autor, suas relações com outros autores, e, assim, a gênese intelectual de suas ideias linguísticas.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Por outro lado, a historiografia permite uma outra operação, agora de aproximação com os desdobramentos intelectuais que aquelas ideias possam ter causado após sua publicação. A metodologia aí continua sendo a historiografia, igualmente através da síntese dos conceitos e classificação dos métodos, agora estendendo a investigação para autores contemporâneos e os da futuridade daquele ponto da história.

## 2. Desenvolvimento

Em seus ensaios sobre linguística geral, Benveniste discorre sobre uma grande variedade de temas, discutindo conceitos, metodologias e relações epistemológicas. Percorre praticamente todas as mais importantes publicações sobre linguagem e nos oferece, assim, um panorama complexo de uma área de conhecimento que, finalmente, se vê pesquisando de maneira científica. Benveniste discute ciência, as ciências da língua e as ciências humanas. Os novos parâmetros alcançados pela linguística que oferecem às humanidades um modelo capaz de atender ao cientificismo da virada do século XIX para o século XX. Mas Benveniste também faz ciência, tanto no sentido de produzir teoria linguística - com seu modelo de enunciação, por exemplo - como no sentido de desenvolver algumas análises diacrônicas, entre muitas outras coisas. Este trabalho faz o levantamento historiográfico-linguístico do conceito de linguagem encontrado em seus ensaios.

Benveniste, apesar de sempre partir da linguística, seja geral, seja diacrônica ou comparativa, lança olhares para além dos limites da língua, tanto para definir os limites da linguística, quanto para contribuir com aspectos semânticos, localizando o sentido no meio da sociedade. Isso permite uma compreensão holística do fenômeno linguístico, aspecto da obra de Benveniste que merece especial atenção.

A própria linguagem, dentre os objetos das ciências da linguagem, é um dos objetos mais citados por Benveniste. Esse fato, porém, não deve dar a impressão de que seja fácil conceituar “linguagem” em sua obra. Abstrair o conceito de linguagem tecnicamente utilizado pelo linguista implica verificar a semântica dessa palavra a cada ocorrência. Acontece que “linguagem” é o princípio de toda essa história. O que hoje pode ser nomeado “*Ciências da Linguagem*” constitui um conjunto amplo de pesquisas em uma infinidade de áreas distintas, aspectos distintos, metodologias, escolas e vertentes diferentes. Evidentemente, não poderia deixar de existir uma grande quantidade de conflitos conceituais, epistemológicos, metodológicos e humanos nessa vastidão de saberes e de ciências

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

(WEEDWOOD, 2002). Conceituar linguagem implica, inevitavelmente, conceituar “ciências da linguagem”, dizer os limites desse aparelhamento científico que, ao longo do século passado, fez o ser humano se conhecer melhor.

Para Benveniste, a linguagem restringe-se ao uso da língua, isto é, não há linguagem, no sentido dado por ele, se não houver o emprego da língua, propriamente dita, na composição da peça comunicativa. O emprego da palavra “linguagem” para se referir a aspectos não verbais, ou textos não verbais, constitui um equívoco, na visão do linguista (RODRIGUES, 2007). Com essa contraposição em mente é que se mergulha aqui na visão de Benveniste, com o intuito de alargar o conhecimento sobre seu pensamento. A linguagem é o mecanismo social que opera a língua e o discurso. A linguagem é a própria cultura, e com ela se confunde. É na linguagem que o ser humano se torna um ser social. A linguagem possibilita o acréscimo social sobre a biologia humana, e, portanto, é parte da natureza humana, e responsável por fazer dessa espécie, uma espécie social. Sem a linguagem, o ser humano não existiria como tal. Assim se constitui a visão de Benveniste sobre a linguagem.

Nas palavras do linguista: “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.” (BENVENISTE, 1989, p. 222). Significar é, pois, o caráter primordial da linguagem. Em “*Os níveis da análise linguística*”, de 1964, Benveniste (2005) demonstra como as relações entre os elementos significantes do signo linguístico operam esse processo chamado de “valoração” por Saussure (2002), ou seja, o processo de constituição do significado. Já em “*A forma e o sentido na linguagem*”, de 1966, Benveniste (1989) atribui esse processo de valoração às relações de segmentação, isso é, o encadeamento do enunciado cria uma relação semântica entre as palavras escolhidas pelo falante, o que resultará no sentido da frase. É possível observar como a questão da segmentação está relacionada com a questão das relações sintagmáticas de Saussure (2002).

Para Benveniste, a linguagem não avança absolutamente sobre aspectos não verbais, mas se restringe exclusivamente a esses aspectos. Por isso, Benveniste opõe os outros sistemas representativos à linguagem. O linguista afirma em “*Vista de olhos sobre o desenvolvimento da linguística*”, de 1963: “A linguagem é o mais econômico dos simbolismos. Ao contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa” (BENVENISTE, 2005, p. 30), referindo-se àqueles sistemas cuja representação não se dá por via verbal. Aliás, a discussão de Benveniste

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

sobre esses sistemas expressivos não verbais é bastante rica, mas compreenda-se antes o que chama de linguagem.

Para Benveniste, a essência da linguagem é a oposição. Vale fazer aqui uma contraposição a Saussure. Para Saussure (2002), a língua constitui o “valor” dos signos, ou seja, o significado, justamente a partir da oposição entre seus elementos significantes. Para Saussure, a fala é acidental e tem caráter individual, enquanto a língua é essencial e constitutiva do significado. Para Benveniste, a língua constitui o significado de forma semiótica, enquanto, a linguagem constitui o significado de forma semântica. Para Benveniste, a língua constitui o significado na base semiótica, enquanto, pela “enunciação” (opondo aqui “enunciação” – de Benveniste - à “fala” – de Saussure), a linguagem constitui o significado na ordem do discurso.

É possível notar, assim, que, Benveniste não renega a teoria de Saussure, mas, ao contrário, propõe um avanço a partir dela. Benveniste, porém, não define a partir da distinção verbal desses conceitos, isto é, nem sempre utiliza palavras distintas para se referir a esses dois conceitos que, por sua vez, são distintos. Às vezes chama o “significado” semiótico de “linguístico”, outras vezes se refere a ele apenas como “significado”, opondo-o a “sentido”, e aí usando “sentido” como “significado semântico” ou, ainda, “significado discursivo”. Essa pequena confusão não deve, contudo, diminuir o valor da teoria, aliás, como afirma Flores (2005), nessa oposição está grande parte da relevância da teoria de Benveniste. É daí que se alcança, segundo o próprio Benveniste, a significação, parte essencial da linguagem. É da oposição dos seus elementos constitutivos que a linguagem produz o significado:

A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não veem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe que nos cumpre destacar. (BENVENISTE, 2005, p. 45; grifos do autor).

Se as coisas não significam por seu “*serem-isso*”, então, o que são não importa, mas importa o que são em relação às outras coisas, ou seja, a significação é o resultado não da coisa em si, mas de qualquer coisa oposta a outra. É da oposição que surge a significação. É na oposição que o significado reside, pois ele é fruto da relação entre as coisas. A ausência de significado se encontra nas coisas por si mesmas.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Ainda não se pode ver como a linguagem em Benveniste se restringe à operação entre a língua e o discurso. Mas é preciso avançar para tanto e, inclusive, para perceber como o “significado discursivo”, ou “sentido”, é dependente do “significado semiótico”, ou “linguístico”.

Em “*tendências recentes em linguística geral*”, de 1954, Benveniste afirma “A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado” (BENVENISTE, 2005, p. 17), ao que seria justo objetar se Benveniste não está falando aí da língua, pois, de fato, está. É a língua a parte do sistema da linguagem responsável pela produção do significado. E é aí que se pode depreender uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste: *a linguagem presume a utilização da língua*. Isso é importante, justamente porque exclui a possibilidade de uma *linguagem não verbal*.

Todo e qualquer modelo significativo que possamos construir, será aceito *na medida em que se parecer* em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem. Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de alguma coisa, como “significando” qualquer coisa, *é-se tentado a apelar para a linguagem; fala-se assim de linguagem para diversos tipos de atividades humanas*, todos o sabemos, de modo a instituir uma categoria comum aos mais variados modelos. (BENVENISTE, 1989, p. 223; grifos nossos).

Com os modalizadores “*na medida em que se parecer*”, Benveniste, opondo a língua aos outros sistemas significativos, mantém a língua como o único desses sistemas cuja função básica é significar. Os outros sistemas o fazem por “imitar” a linguagem, afirma. A música, a dança, a pintura, a moda, etc., podem se parecer com a linguagem, mas não são linguagem, sob a ótica de Benveniste<sup>3</sup>. Segundo Benveniste, seria por precipitação e por alguma falta de rigor o chamar de linguagem a esses modelos. Não lhes nega o poder significativo, mas expõem-lhes a incapacidade de significar como significa “a linguagem”. Com a teoria de Saussure, isso seria chamado simplesmente de “a língua”, pois ali é possível, não apenas separar a língua da linguagem (o que Benveniste também faz), mas, também, entender como modelo significativo capaz de produzir o significado apenas a língua. Em Benveniste, a linguagem é a possibilidade de língua, mas, além disso, é a operação que faz com que a língua acione o discurso. Assim, ele avança bastante em relação a seus antecessores. Então, Benveniste afirma:

<sup>3</sup> Vale lembrar que Saussure (2002) cita esses sistemas (música, dança, etc.) como exemplos de linguagem.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. (BENVENISTE, 1989, p. 223, 224; grifos nossos).

A questão aqui implica nas relações simbólicas presentes nos diversos sistemas. A língua é um sistema simbólico, o que significa que se espera dela apenas que signifique. Ou seja, seu significado é internamente constituído pelo sistema. Já os sistemas chamados semi-simbólicos somente têm seu significado preenchido na leitura (FLOCH, 2003). Segundo Floch (2003), os sistemas de signos se dividem em dois tipos, os sistemas simbólicos, onde o significado é dado, e os sistemas semi-simbólicos, onde o significado é sugerido. A língua seria um sistema simbólico, enquanto a pintura, por exemplo, seria um sistema semi-simbólico. Portanto, a língua propicia o significado a partir do sistema, enquanto a pintura carece de interpretação. Essa teoria semiótica de Floch é útil para compreender o debate de Benveniste com a teoria do mestre genebrino, Saussure, pois esclarece a diferença entre a língua e os demais sistemas significativos que, para Saussure integrariam a linguagem, enquanto, para Benveniste, não teriam nada a ver com a linguagem, (RODRIGUES, 2007).

Ainda sobre linguagem e significação, Benveniste afirma:

Mas ela tem também um outro caráter totalmente diferente, mas igualmente necessário e presente em toda língua real, ainda que subordinado ao primeiro, eu insisto: o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido. É este duplo aspecto, inerente à linguagem, que é distintivo. Diremos com Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos. É a noção de signo que, doravante, integra no estudo da língua a noção muito geral de significação. (BENVENISTE, 1989, p. 224; grifos nossos).

Uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste é justamente que *a linguagem presume a utilização da língua*. No trecho acima, é notório como ele atribui à linguagem o caráter de ser, *como “toda língua real”*, caracterizada por *“sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras”*, ou seja, para ele, não há linguagem não verbal, não há, fora do uso da língua, linguagem alguma. E aí modaliza ao citar Saussure: *“Diremos com Saussure, a título de primeira aproximação”*, ou seja, no que tange ao conceito de linguagem, concorda com Saussure apenas *“a título de primeira aproximação”*. Portanto, a linguagem não opera além do verbal, isto é, da língua, e o que quer que permita se expressar de maneira não verbal não é linguagem.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Em “observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, de 1956, Benveniste, ao analisar a tarefa do psicanalista em relação ao psicanalisando, afirma:

Considera-o nos discursos que este lhe dirige, examina-o no seu comportamento locutório, “fabulador”, e através desses discursos se configura lentamente para ele outros discursos que ele terá o encargo de explicitar, o do complexo sepultado no inconsciente. Da descoberta desse complexo depende o sucesso da cura, que testemunha, por sua vez, que a indução estava correta. Assim, do paciente ao analista e do analista ao paciente o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 2005, p. 82).

A palavra chave para a segunda parte do seu conceito de linguagem é “discurso”. No trecho acima, Benveniste está falando acerca de como a relação entre o psicanalista e o psicanalisando se dá por intermédio da linguagem. Mas ele afirma que o que o psicanalista considera de seu paciente são seus discursos, seu “comportamento locutório”, sempre em busca dos discursos por trás dos discursos.

O psicanalista, então, busca esses discursos que se configuram lentamente a partir dos discursos enunciados. Daí, conforme Benveniste, viria a cura, pela elucidação desse complexo, diz ele. A questão aqui, contudo, é a linguagem, e o que o trecho citado nos diz a respeito do conceito de linguagem para o linguista em estudo é que a linguagem é a operação linguística que faculta o discurso. O movimento, portanto, entre a língua e o discurso realizado pelo falante. A linguagem é a possibilidade de significar, “gerando” o discurso e o externando a partir da língua. Veja o que, no mesmo ensaio, diz Benveniste acerca da análise dos sonhos e da “linguagem” dita onírica presente neles:

Acontece o mesmo com a lógica particular do sonho. Se caracterizamos o desenrolar do sonho pela liberdade total das suas associações e pela impossibilidade de admitir uma impossibilidade, é em primeiro lugar porque expomos e o analisamos nos quadros da linguagem, e porque o próprio da linguagem consiste em exprimir apenas o que é possível exprimir. Isto não é uma tautologia. Uma linguagem é, em primeiro lugar, uma categorização, uma criação de objetos e de relações entre esses objetos. Imaginar um estágio de linguagem, por mais “original” que se queira, mas apesar disso real e “histórico”, em que um objeto seria *denominado* como sendo ele próprio e ao mesmo tempo qualquer outro, e em que a relação *expressa* seria a relação de contradição permanente - a relação não relacionante - em que tudo seria ele mesmo e outro que não ele - portanto nem ele mesmo nem outro - é imaginar uma pura quimera. (BENVENISTE, 2005, p. 89-90; grifos do autor).

Para Benveniste, não há a possibilidade de linguagem sem que haja significação, no sentido final, da geração mesmo do sentido. Entendendo “sentido” aqui como a leitura que se possa fazer do enunciado. Ou seja, os sonhos não teriam uma linguagem, mas seriam



RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

apenas massa de pensamento desorganizado, sem uma forma que lhes dê sentido. Não que eles não possam vir a significar, porém, somente significarão a partir da narrativa que lhe imprime em discurso, à medida que o psicanalisando vai relatando isso a seu psicanalista, por exemplo.

Sobre o conceito de discurso para Benveniste, cumpre compreender que ele se refere ao que o psicanalisando fala e, aparentemente, não busca o que há por trás de sua fala. Conceitualmente, diz que o psicanalista faz isso. Benveniste, por sua vez, refere-se à fala do psicanalisando diretamente como “discurso”. Contudo, é preciso evocar sobre seu pensamento que, para ele, a formação da sociedade e do próprio ser humano se dá por via da linguagem, ou seja, no exercício do discurso. O ser humano, para Benveniste, é mais que o resultado dos fatores biológicos que o constituem como animal, tudo isso teria que ser submetido à interferência direta e constante da cultura e da sociedade, e isso se daria através do discurso, em seus aspectos social e cultural. Para ele, isso é que seria verdadeiramente o formador do humano na espécie.

Assim, sobre seu conceito de linguagem, Benveniste diz ainda em “*Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*”, de 1956: “a linguagem se realiza necessariamente numa língua (...) Segue-se que os principais desses símbolos e a sua sintaxe não se separam.” (BENVENISTE, 2005, p.92). Isso equivale a dizer que a linguagem é o próprio uso da língua, mas não somente isso. Veja o que ele afirma ainda no mesmo local: “[a linguagem] é *aprendida*, é coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se.” (BENVENISTE, 2005, p.92), ou seja, a linguagem permite que o ser humano exista como tal, inserido pela linguagem na sociedade e na história, operando discursos e sendo por eles falado. A linguagem opera no ser humano sua natureza de animal falante.

Para Benveniste, portanto, a linguagem poderia se definir como o processo humano de significação, responsável pela operação discursiva, e, por conseguinte, pela criação do ser humano como tal, um animal de caráter social, capaz de exercitar o discurso, constituindo assim seu *modus vivendi*, a sociedade e a história, sempre por via da linguagem. A linguagem seria, pois, a própria operação da língua na constituição do ser humano, na produção discursiva, na formação da sociedade. Obtém-se, então, o conceito de linguagem para Benveniste. A linguagem é a propriedade humana de constituir-se socialmente, mediante o discurso, por intermédio da língua, que é parte integrante da linguagem. É pela linguagem, portanto, que surgem a pessoa e o sujeito, pela construção da consciência humana. Do ponto

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

de vista da fenomenologia abordada frequentemente por Benveniste, a linguagem seria a responsável pela consciência da própria consciência.

### 3. Considerações Finais

Esse conceito de linguagem que pode ser encontrado em Benveniste inclui a língua de maneira diferente do conceito Saussuriano. Saussure vê a linguagem como um conjunto amplo de possibilidades de interação, já Benveniste não tem a mesma perspectiva. A linguagem para Benveniste é o próprio uso da língua, o emprego de seus signos na constituição dos discursos. A semiose seria o resultado do uso da linguagem, e por essa via ocorreria a constituição do social e do humano.

Se a posição de Saussure, difundida por Charles Bally<sup>4</sup>, ocasionou o estruturalismo em que Benveniste se encontra, a posição de Benveniste ocasiona ao pensamento estruturalista um advento novo, a possibilidade de ver e conhecer ao sujeito da linguagem. É, talvez, a partir daí que os estudos de Benveniste não poderiam senão proporcionar uma visão formal da enunciação, preconizando a teoria da enunciação que vem sendo desenvolvida desde então.

Portanto, tomar a linguagem como esse mecanismo operador da língua no discurso, implica, realmente, em trazer à discussão toda a operação linguística, significativa, semiótica e discursiva. É, como afirmou o próprio Benveniste, localizar o ser humano nesse circuito que é, ao mesmo tempo, a possibilidade da interação humana e o elemento formador do próprio ser humano. Para Benveniste, não haveria nenhuma possibilidade das sociedades humanas se estabelecerem sem a linguagem, e assim, o ser humano não seria “humano”, mas tão “selvagem” quanto qualquer outro mamífero. A linguagem é que permite a transmissão da cultura e essa aculturação que faz do animal humano um animal social.

### REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005. 387 p.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Tradução: Eudardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant’ana Castro, João Wanderlei

<sup>4</sup> Charles Bally foi aluno de Ferdinand de Saussure, editor do *Cours de linguistique générale* e o responsável pela redação que fez o mundo conhecer o pensamento saussuriano.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch, com revisão de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989. 294 p.

FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication : sons les signes, les strategies*. Paris, PUF, 2003. 233p.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005. 198 p.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

RODRIGUES, R. S. V. *A constituição dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica*. 2007. 102 f.: il. ; 29 cm. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002. 279 p.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 165 p.

### **Indicação de leitura complementar**

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (476 p.)  
\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012. 203 p.

BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 339 p.

CHOMSKY, N. *Sobre natureza e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

COSERIU, E. *O homem e a sua linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1987. 188 p.

DOSSE, F. *História do estruturalismo*. V. 1, o campo do signo; v. 2, o canto do cisne. Bauru: Edusc, 2007.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2001. 318 p.

\_\_\_\_\_. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. 187 p.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010. 79 p.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 2005. 422 p.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O conceito de linguagem de Benveniste*.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2006. 240 p.

KOËRNER, Konrad. “*Questões que persistem em historiografia linguística*”. In: Revista ANPOLL/1996, v. 2, pp. 45-70.

\_\_\_\_\_. “*O problema da ‘influência’ em historiografia linguística*”. In: Anais Aarsleff et al./1987, pp. 13-28.

MILANI, S. E. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística*. 2000. 168 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Historiografia-linguística de Ferdinand de Saussure*. Coleção Imago, nº 1. Goiânia: Kelps, 2011. 126 p.

\_\_\_\_\_. *Historiografia-linguística de Wilhelm Von Humboldt: conceitos e métodos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. 164 p.

\_\_\_\_\_. *Aspectos Historiográficos-linguísticos do século XX*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. 160 p.

\_\_\_\_\_. et alii. *Alingo: Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015. 302 p.

OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. *O significado do significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. 349 p.

Recebido em 30/09/2015

Aprovado em 16/12/2015